

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).


ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES


MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

 PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir
de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*
(Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus
(Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na
Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos
(Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha
do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa
de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos
humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica
na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

YÁBURA E O SEU TERRITÓRIO – UMA ANÁLISE HISTÓRICO-ARQUEOLÓGICA DE ÉVORA ENTRE OS SÉCULOS VIII-XII

José Rui Santos¹

RESUMO

O ataque efetuado a Évora pela mão do cavaleiro cristão Ordonho II em 912 foi um acontecimento decisivo para a mudança de paradigma e evolução da cidade. Esta vulnerabilidade dos territórios do Garb, levou a que Évora fosse reconstruída e repovoada, tornando-se uma cidade relevante para a Taifa de Badajoz no século XI, trazendo até este território um paradigma cultural maioritariamente islamizado, assumindo-se, a partir daqui, como um ponto essencial na relação entre as rotas terrestres que atravessavam a marcas media e inferior de al-Andalus.

Palavras-chave: Évora, Época islâmica, História e arqueologia, Análise cartográfica.

ABSTRACT

The attack carried out on Évora by the hand of the Christian knight Ordonho II in 912 was a decisive event for the change of paradigm and evolution of the city. This vulnerability of the Garb's territories led to Évora being rebuilt and repopulated, becoming a relevant city for the Taifa of Badajoz in the 11th century, bringing to this territory a culturally mostly Islamized paradigm, assuming, from here, as an essential point in the relationship between the land routes that crossed the middle and lower marks of al-Andalus.

Keywords: Évora, Ceramics, Al-Andalus, History and archeology, Cartographic analysis.

2

1. INTRODUÇÃO

Os estudos da ocupação islâmica em Portugal sofreram um percurso peculiar ao longo das primeiras décadas do século XX, este período histórico foi considerado “menor” comparativamente com a “glorioso” época romana e com o “grandioso” reino de Portugal. É uma corrente de pensamento que tem origem no processo de conquista cristã, e se enraizou na sociedade mediante a prevalência cristã sobre o islão (Macias, 2010: 162). O estado da investigação em Évora é marcado por uma relativa escassez de estudos analíticos que se foquem no período medieval-islâmico, tendo em linha de conta a pobreza de fontes literárias conhecidas, os vestígios materiais tornam-se assim fundamentais para descortinar informações desta camada histórica da cidade.

2. UMA ÉPOCA DE INDEFINIÇÃO

Durante o período romano, Évora manteve relações comerciais com outros centros urbanos, não se sabendo ao certo se este contacto comercial se mantém durante o período visigótico, tudo indica que depois de florescer durante os séculos V e VI, a cidade encontra declínio no século VII, tanto do ponto de vista social como económico (Mattoso, 1997: 34). Este antigo *municipium* encontrava-se já desde os tempos de Roma sob a alçada da cidade do convento pacense (Alarcão, 1974: 54), ligação que será retomada durante os séculos VIII e IX (Picard, 2000: 197). O espaço geográfico que confina o Garb é pautado pela continuidade territorial através da manutenção das antigas divisões administrativas (Macias, 2005: 31). É na Kūra de Beja² que Évora encontra circuns-

1. Câmara Municipal de Évora; jr.ribeiro.santos@gmail.com

2. A obra de al-Rasi trata a geografia do al-Andalus no século X, com destaque para as sedes de Kūra, Évora encontra-se na obra integrada administrativamente e militarmente na órbita de Beja.

criação militar e administrativa e política nos tempos emirais (Coelho, 1989: 36; Rei, 2005: 24).

O desconhecimento acerca dos primeiros tempos da ocupação islâmica de Évora encontra justificação em diferentes pontos. Em primeiro lugar a ausência relativa de informação estratigráfica do período emiral, que se alastra a todo o Garb al-Andalus, a ruralização progressiva que se assiste na alta idade média deve ter conduzido ao colapso das produções romanas tardias, dando lugar a criações menos especializadas (Gómez Martínez, 2007: 99), os meios tecnológicos apresentavam-se pouco desenvolvidos e com mercados urbanos demasiado restritos para permitir aos oleiros investir numa longa aprendizagem técnica. As produções cerâmicas misturam produções manuais com fabrico a torno bastante grosseiros e rudimentares, com pastas mal depuradas e abundantes elementos não plásticos de tamanhos elevados, assim como cozedura redutora com morfologias muito próprias, ainda de tradição tardo-romana (Gómez Martínez, 2007: 99).

Foi um processo simbiótico lento, que encontra origem na islamização demorada das populações do Garb, que lentamente foram assimilando a nova religião e o novo sistema socioeconómico, e na falta de recursos e de técnicas de produção (Torres, 1992: 417). Apenas no século X é feita uma referência nas fontes escritas muçulmanas à cidade de Évora³, a qual aparece designada como uma vila (Marques, 1993: 64,104) cuja antiguidade e prévio topónimo importa ter em conta, revelando elementos de continuidade urbana com o passado clássico e uma sobreposição dos estabelecimentos humanos.

É certo que no início da administração islâmica na cidade as populações autóctones mantem-se em maior número do que os “recém-chegados”, assistindo-se a uma assimilação lenta dos novos paradigmas sociais. Podemos retirar uma leitura sobre este fenómeno centrífugo através de uma análise aos espólios cerâmicos de produção autóctone dos finais do século IX e X, estas formas encontram paralelos em diferentes pontos da Península no período homónimo.

Aos poucos assimilam-se às correntes estilísticas, técnicas, iconográficas, etc. que vigoram no mundo islâmico (Coelho, 2010: 125). Esta primeira fase de assimilação pauta-se não só pelas influências do ex-

terior, mas também pela modelação de influências locais antigas. Facto que resultará numa realidade material própria que vai absorver influências não só ao mundo islâmico, mas também no clássico, romano e visigótico, originando na criação de uma cultura material própria do Garb e com reminiscências locais como se pode constatar nas cerâmicas de uso comum enquadráveis cronologicamente no século IX e X, sendo um dos períodos históricos no qual se registou o maior salto qualitativo na evolução da cerâmica nos territórios que atualmente constituem Portugal (Gómez Martínez, 2007: 100) (Figura 1).

Em Évora, do ponto de vista administrativo e político, os tempos emirais foram bastante conturbados, nestes séculos além de se assistir à construção de uma identidade cultural, verifica-se também o clarear das ligações administrativas e políticas. A continuidade da importância das elites locais, motivou em Beja todo um ciclo de revoltas contra o poder central que justifica a atenção dos cronistas, negligenciando nas suas crónicas as demais cidades. As fontes documentais ao primarem pela abstenção informativa em relação a Évora poderão quer evidenciar convulsões político-sociais na cidade de Beja.

3. O SÉCULO X E A MUDANÇA DE PARADIGMA

No texto de Isa ar-Rázi, presente na obra al-Muqtabis V, relativamente ao saque da cidade de Évora pelo galego Ordonho II ocorrido em 912 e à sua nova fundação, assume-se como ponto de observação privilegiado, não só dos acontecimentos que influenciaram os destinos da cidade nos séculos X e XI (Figura 2).

A primeira constatação é a clara decadência a que a se tinha votado a cidade pela altura do referido saque. Isa ar-Rázi relata que quando as tropas de Ordonho II analisavam as muralhas no momento que antecedeu o ataque verificaram que eram baixas e não tinha no topo parapeito nem ameias. Havia numa zona do perímetro exterior um elevado monte de lixo, os habitantes costumavam atirá-lo para ali a partir do interior da muralha (Sidarus, 1988: 22), verificando-se assim o claro descuido a que a cidade se tinha votado, o facto da muralha não ter sido alvo de recuperação ou robustecimento por parte dos habitantes da cidade é sinónimo de falta de recursos.

Um ano após ter sido destruída, Yábura foi reconstruída e repovoada pelo muladí Úd Ibn Sa'dún as-Shurumbaqi, a mando de Ibn Marwan ficando sob

3. Ahmad al-Rasi refere, “[...] jaz uma vila a que os antigos chamavam Elbris e ora é chamada de Yábura com os seus termos” (PICARD, 2000, p. 23).

a alçada de Badajoz, o que será a força motriz para assegurar o seu renascimento económico e cultural. Se durante os séculos VIII e IX em Évora o repertório de materiais arqueológicos é bastante reduzido, os dados em análise parecem confirmar que a partir da segunda metade do séc. X se verificou um aumento significativo, tanto a nível de produções locais como no volume de importações.

Apesar da reconstrução e repovoamento da cidade se ter iniciado em período emiral, é sob a alçada do califa 'Abd al-Rahmān III que se concretiza. O saque veio demonstrar alguma vulnerabilidade dos territórios do Garb e justificar a posição levada a cabo por 'Abd al-Rahmān III, o qual alastrou a todas as regiões do al-Andalus a centralização do seu poder governativo a partir de Córdova. Irá submeter todos os territórios dissidentes, unificando-os e controlando os novos ímpetus regionalistas através da nomeação de governadores da sua confiança para a administração das cidades (Torres, 1992: 420). Assume estrategicamente a autoria da reconstrução de Évora em 914, apropriando-se deste acontecimento fundacional para ocultar a obra dos seus inimigos demonstrando a sua hegemonia e ligando-o ideologicamente à sua ação (Filipe, 2012: 54).

A partir do ano de 929⁴ um enorme florescimento cultural e económico prospera a partir de Córdova, criaram-se as condições para que o comércio leve a todos os territórios do al-Andalus inovações culturais diversificadas. Sob o signo da “pacificação” califal chegam aos territórios ocidentais do Garb pessoas, mercadorias e inovações tecnológicas de produção, vindas de todo o mundo islâmico, com destaque para os produtos que proveem da região de Córdova, que se assume como principal centro produtor e dispersor cultural deste período, facto que só foi possível devido à estabilidade política imposta pelo governo Califal que transformou e integrou o Ocidente Ibérico na grande síntese islâmica (Gómez Martínez, 2007: 100).

Foi neste momento que Évora se incluiu na próspera rede comercial que caracterizou o período omíada. O momento do renascimento da cidade juntamente com a progressiva incorporação da cidade na orla de Badajoz, fazem com que comecem a chegar a Évora peças exógenas com enorme requinte, simbolismo, propaganda ideológica e com um índice de raridade

bastante acentuado, em alguns casos únicas, vindas de diferentes pontos do al-Andalus.

A simbologia religiosa do Islão está presente no quotidiano destas populações, sinónimo claro da presença de uma elite islâmica, que se fixa em Évora na segunda metade do século X, na sequência do renascer da cidade, a partir de 914, detentora de algum poder económico e com uma clara abertura aos gostos culturais da época. São indícios claros de uma revitalização urbana e do fortalecimento de um comércio estreito entre Évora, Badajoz e a região de Córdova, como se comprova pelo elevado número de paralelos com peças destas regiões⁵.

Ao nível das produções locais encontramos peças que exprimem grande diversidade de formas e uma tecnologia de fabrico bastante especializada, com técnicas de cozedura predominantemente oxidantes e um nível de depuração bastante avançado. A introdução de expressões artísticas características deste período é sinónima de um progresso social consentâneo com a ordem vigente. A morfologia do espólio traduz hábitos alimentares e tradicionais, claramente pertencentes a um contexto cultural mediterrânico, denotando evolução nas formas e entrando em rotura com as de tradição visigótica e emiral, o que representa novas tradições gastronómicas e numa cultura material característica de uma sociedade plenamente islamizada.

O fenómeno cultural ligado ao ressurgimento socioeconómico da cidade no quadro do al-Andalus deveu-se à decadência de Beja e Mérida no século X e a uma elevação político-administrativa de Badajoz.

4. A ASCENSÃO DE YÁBURA

A taifa de Badajoz é fundada em 1013 por Sābūr al-Saklabī, mas será a dinastia Banū al-Aftas, que ligará o seu nome a uma das taifas mais poderosas do século XI (Franco Moreno, 2008: 69), o reino Aftácida, que compreendia o distrito militar noroeste, estendendo-se a sua autoridade pelas cidades de Coimbra, Santarém, Lisboa, Sintra, Évora, Alcácer do Sal e Beja. O crescimento económico de Évora prende-se com a sua localização geográfica, preeminente para os objetivos comerciais, militares e políticos de Badajoz, posicionando-se como o ponto central da via comercial mais importante para o rei-

4. Data do início formal do Califado Omíada na Península Ibérica.

5. Registado bibliográfico extenso, a título de exemplo: – (Fernández Valdés, 1998: 393).

no aftácida em direção às duas cidades portuárias: Lisboa e Alcácer do Sal.

A alteração do estatuto político e jurídico da cidade e da região de Évora no século XI para segunda cidade em termos de importância da Taifa de Badajoz, apoiada possivelmente numa elite culta e inovadora, permitiu a experiência governativa sobre um espaço económico, no qual a cidade de Alcácer do Sal era sua dependente. Lembremos, que Muhammad b.' Abd Allâh, al-Muzaffar "(...) colocou nela o seu filho al-Mansûr" (Rei, 2005: 24), escolhendo-o para a administração desta de entre todas as cidades que existem no seu reino.

A partir deste período Évora teve uma singular importância como ponto-chave de diversas rotas comerciais, dos territórios centrais do eixo longitudinal do Garb, era encruzilhada das rotas terrestres que comunicavam com os reinos de Toledo e Badajoz, e por outro lado, os territórios do interior do actual Alentejo com os portos do comércio mediterrâneo. Está posição importante trou-se até Évora um conjunto material heterogeneo e vasto, neste decifram-se tradições culturais pré-islâmicas embebidas em correntes artísticas com características próprias nascidas desta diversidade de culturas inerentes a este período. Destaca-se um profundo compromisso com o que são princípios doutrinários do Profeta e da cultura muçulmana, que se deixa influenciar por uma corrente oriental, particularmente a bizantina e a sassânida (Fernandes, 1999: 94). O mundo omíado absorveu muito dessas culturas, mas criando mesmo os seus novos modelos com originalidade concordante com o vasto império islâmico (Fernandes, 1999: 94).

Não existe na cultura tradicional muçulmana uma base doutrinal direcionada para as artes, mas sim atitudes, algumas desenvolvidas ou copiadas a partir das regiões dominadas (Oleg Grabar, 1996: 28). O autor André Bazzana defende a função inegável dos princípios corânicos que norteiam o dia-a-dia dos crentes nas conceções artísticas, realçando o papel afetivo da unidade num mesmo credo, que se traduz numa sensibilidade comum (André Bazzana, 1991: 352). A iconografia da cerâmica é indissociável do contexto político-religioso do Islão peninsular, enquadrando-se na singularidade do reino omíada independente que se desenvolveu em Córdova, então um dos focos principais de irradiação cultural do mundo islâmico.

Destaca-se um conjunto de peças fabricadas com

recurso à técnica comumente designada como "verde e magnanês", com representações antropomórficas, que segundo Isabel Fernandes, peças com este tipo de ornamentação chega a converter-se em oferendas do soberano, a título de recompensa ou de afabilidade. Expressão de um poder centralizado que divulga uma imagem de opulência e de ostentação (Fernandes, 1999: 95). Possivelmente são fruto de um trabalho artesanal de encomenda para uma clientela urbana, plausivelmente culta e de um "status" social elevado, que aprecia decorações de qualidade, mesmo em artigos utilitários como estes. "Ao gosto do comprador atraem as alusões ao sagrado e ao poder, através de um desenho invulgar, evocador de antigas tradições orientais e do efeito estético do "verde e manganês", a moda palaciana de grande ostentação" (Fernandes, 1999: 95). É tentador associar estas peças aos acontecimentos ocorridos em Évora nos anos que sucederam o saque da cidade, atendendo à cronologia e proveniência das peças, não é descabido que se trate de uma relação entre estes líderes "mecenas" (Figura 3).

5. A EVOLUÇÃO URBANA

Durante os primeiros séculos a cidade manteve as estruturas herdadas da antiguidade com poucas alterações, é notório que a zona do fórum romano sofreu uma ocupação polifásica, os silos, escavados no pavimento romano, são prova da reutilização das estruturas antigas pelas populações do período islâmico e a cronologia dos entulhos recuperados apresenta uma datação *post quem* emiral e *ante quem* do período almóada, traduzindo uma ocupação incessante do espaço durante a época islâmica (Figura 4). É bastante provável que o templo romano tenha sido transformado numa estrutura defensiva neste período⁶, é natural que se tenham fixado habitações junto a este forte, que se prolongará geograficamen-

6. Veja-se (SIDARUS, 1988: 196) – "[...]de acordo com o relato da peleja, estas torres "pareciam não ter ligação estratégica com a muralha". Isto é estranho do ponto de vista da arquitectura militar e da própria situação dos refugiados: divididos por vários edificios e todos eles tão impenetráveis? A verdade é que o problema pode prender com a terminologia e o documento pode-se referir a um único edificio (mabnâ) poderia ser o antigo edificio do Templo Romano, com certeza, já emparelhado e transformado em torre inexpugnável. Terá funcionado antes, como igreja, na sequência do fim do paganismo em Évora?"

te até à zona da “mesquita”, ligando-se fisicamente a esta, como comprovam os dados analisados por Vanessa Filipe no que toca à estratigrafia registada nas escavações do Museu Frei Manuel do Cenáculo. Existe um reaproveitamento de estruturas de períodos anteriores, com estruturas que se enquadram nas normas construtivas descritas por Ibn ‘Abdun⁷. São habitações que dão conta de um bairro de grandes dimensões que terá sido abandonado após conquista cristã da cidade em 1165 (Filipe, 2012: 148-150), consentâneo com o *términus* ocupacional das estruturas junto ao templo romano (Figura 5).

Os vestígios materiais e estratigráficos encontrados no edifício do Colégio dos Meninos do Coro da Sé de Évora, traduzem de igual forma a presença de um conjunto habitacional. Existe claramente uma continuidade da zona áulica romana, na qual se insere o templo e a mesquita (Fernandes, 2001: 5), habitada por uma elite urbana durante todo o período islâmico. É notório que estejamos perante uma continuação um espaço que se advinha intenso em torno da Mesquita, estendendo-se para a zona sul/sudoeste (S-SW) da mesma, em direção à Porta de Moura.

Na encosta Este (E) da cidade, foi encontrada uma casa de grandes dimensões associada ao período islâmico, o que sugere um edifício palatino, justificando os moldes de ocupação do espaço como alcáçova. Junto à muralha, no quadrante Oeste (O), na zona da atual Casa de Burgos e Rua Vasco da Gama encontramos, de igual forma, vestígios de habitações, materializados em espólios do quotidiano. Um dado que parece certo é que a cidade se foi construindo em torno das estruturas romanas já existentes, e logicamente do centro para a periferia. Apesar de surgirem materiais emirais nas escavações da *natatio* das termas romanas, fato que leva a ponderar a reutilização das termas (ou pelo menos da *natatio*) como vazadouro de lixos domésticos, provavelmente uma lixeira urbana (Figura 6).

Os vestígios osteológicos funcionam como fator delimitador da cidade nos diferentes períodos, assim sendo existem duas primeiras necrópoles na zona da Praça do Geraldo e Portas de Moura, em zonas junto às muralhas. Será, portanto, factual que até aos finais do século X a cidade se mantém com a geografia mais ou menos definida pela muralha tardo-romana. O período de desenvolvimento califal é consentâneo com a reconstrução da cidade pós-saque, a par-

7.

tir deste momento surge o crescimento urbano, aliado logicamente ao aumento financeiro e comercial, tanto da cidade como de todo o al-Andalus. Surgem então os primeiros arrabaldes e, já no século XII, em pleno domínio almorávida, a cidade toma nova forma, sendo potenciada por um crescimento habitacional elevado.

A comprovar estão fatos arqueológicos como a presença de necrópoles bastante mais afastadas da muralha antiga (zona do Antigo Convento de S. Domingos) e uma quantidade relevante de novos vestígios em que os materiais apontam para uma cronologia exclusiva do século XII, ao contrário dos sítios centrais em que os vestígios abarcam todas as fases do período islâmico. São testemunhos que sugerem um vincado crescimento urbano no século XII. E visto que a ameaça cristã paira sobre a cidade⁸, não é desaproprada a hipótese de ter existido uma segunda linha de muralha na cidade construída em finais do século XI e inícios do XII.

As muralhas de Évora neste período teriam as características poliorcéticas que agora se desconhecem? Não é impossível. Segundo a crónica do eborense Christovão Rodrigues Acenheiro⁹, D. Fernando de Portugal terá mandado destruir grande parte da “cerca velha”, aquando da obra da muralha medieval (Correia, 2012: 664-665)¹⁰.

Esta conjetura parece bastante plausível, no entanto esta hipotética segunda cerca muçulmana pode em alguns troços ter coincidido com as linhas Fernandinas, no entanto parece um pouco exagerado que tivesse tais dimensões (Figura 7).

6. CONCLUSÕES

A investigação arqueológica em Évora tem vindo a proporcionar um apreciável conjunto de dados acerca da cidade durante a época muçulmana. Apesar de uma leitura fragmentada da realidade e de uma abordagem necessariamente esquemática, denotamos a ausência de vestígios que confirmem uma

8. Veja-se o impacto que o saque de Évora por Ordonho II teve no seio do poder muçulmano, exemplo disso é a forma injuriosa como Ibn-hayan se refere ao príncipe galego no texto al-Muqtabis.

9. “E despoys, era de mil e quatrocentos e dezoito, maôdou este Rei derribar a cerca velha d’Evora, que era a mylhor couza d’espanha” (Acenheiro, 1824: 146).

10.

chegada abrupta ou violenta das tropas muçulmanas, nem uma doutrina ou política imposta à força, mas sim uma realidade que se molda lentamente ao sabor de ruturas com tradições passadas, numa simbiose cultural que lentamente aceita os novos costumes e religião, a muçulmana.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1974) – *Portugal Romano*, ed. Verbo, Lisboa.

BAZZANA, André (1991) – La Céramique Verte y Morado Califale à Valence: Problèmes Morphologiques et Stylistiques, *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, Mértola.

BEIRANTE, Maria Ângela (1995) – *Évora na Idade Média*, Ed: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

BILLOU, Francisco (2010) – *A Refundação do Aqueduto da Água de Prata, em Évora 1533-1537*, ed. Colibri, Lisboa.

COELHO, António Borges (2010) – *Donde Viemos, História de Portugal*, volume I, Editorial Caminho.

COELHO, António Borges (2008) – *Portugal na Espanha Árabe*, ed. Caminho, 3ª ed., Lisboa.

CORREIA, Fernando Branco (2010) – *Fortificação, Guerra e Poderes no Garb al-Andalus*, Tese de Doutoramento, policopiada;

CHRISTOVÃO, Rodrigues Acenheiro (1824) – *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, in: *Collecção de Inéditos de História Portuguesa*, tomo V, Lisboa, Real Academia das Sciencias.

FARIA, António Marques de (2001) – Pax Iulia, Felicitas Iulia; Liberalitas Iulia, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 4-2, IPA, Lisboa.

FERNANDES, Hermenegildo (1991) – *Organização do espaço e sistema social no Alentejo medievo. Ocaso de Beja*, Dissertação de Mestrado, FCSH, Lisboa.

FERNANDES, Hermenegildo; VILAR, Hermínia (2007) – O Urbanismo de Évora no Período Medieval, *Revista Monumentos* nº 26.

FERNANDES, Isabel (1999) – Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do castelo de Palmela, *Arqueologia Medieval* 6, ed. Afrontamento, Lisboa.

FERNÁNDEZ, Valdés Fernando, *et all* (1998) – La Cerámica Andalusí de la Ciudad de Badajoz. primer período (siglos IX-XII), según los trabajos en el antiguo hospital militar y en el área del aparcamiento de la c/ de Montesinos. *Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, ed. Ajuntamento de Extremadura.

FILIPPE, Vanessa (2012) – *Contributo para o Conhecimento da Presença Islâmica em Yabura*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2004) – *La Cerámica Islámica de Mértola: Producción e Comercio*, Tesis Doctoral, Universidad Complutense de Madrid, Madrid.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (1998) – Cerâmica Islâmica do Garb al-Ándalus, *Portugal islâmico, os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2007) – *Cerâmica Islâmica do Gharb al-Ándalus*, Campo Arqueológico de Mértola, in. Seminário – “A produção de cerâmica em Portugal: histórias com futuro, Mértola.

GRABAR, Oleg. (2000) – *La Formación del Arte Islámico*. 8ª ed. Cátedra, Madrid, p. 216.

MACIAS, Santiago (2010) – *Islamic Archeology in Portugal*, in: *The Historiography of Medieval Portugal (c.1950-2010)*, Direção de José Mattoso, ed. Centro de Estudos de História Religiosa e 10 outras instituições, Lisboa.

MACIAS, Santiago (1996) – *Mértola Islâmica, Estudo Histórico-Arqueológico do Bairro da Alcáçova, (Séculos XII-XIII)*, Mértola.

MATTOSO, José (1997) – A época sueva e visigótica, *História de Portugal*, Dir. José Mattoso, vol. I – Antes de Portugal, ed. Estampa, Lisboa.

PICARD, Christophe (2000) – *Le Portugal Musulman (VIII – XIII siècle), L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*, Maisonneuve & Larose, Paris.

REI, António (2005) – O Gharb al-Andalus em dois geógrafos árabes do século VII/XII: Yāqūt al-Hamāwī e Ibn Sa‘īd al-Maghribī, *Medievalista*, nº 1 (online).

SALINAS PLEGUEZUELO, Mª Elena (2012) – *La cerámica Islámica De Madinat Qurtuba, de 1031 a 1236: Cronotipología y Centros de Producción*, Tesis Doctoral, Universidad de Córdoba, Córdoba.

SIDARUS, Adel (1988) – Um Texto Árabe do Século X Relativo à Nova Fundação de Évora e aos Movimentos Muladi e Berbere no Ocidente Andaluz, *A Cidade de Évora*, nº 71-76, Ed. Gráfica Eborense, Évora.

TEICHNER, Felix (1998) – A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa), *Actas das II Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Câmara Municipal de Tondela, Tondela

TEICHNER, Felix (1986-1992) – Évora, Vorbericht über die Ausgrabungen am Römischen Tempel, *Madridider Mitteilungen*, Mainz, Verlag Philipp Von Zabern.

TORRES, Cláudio (2008) – Camponeses e Mercadores no Mediterrâneo, *Arqueologia Medieval* 10, ed. Afrontamento, Porto.

TORRES, Cláudio (1992) – O Garb al-Andalus, *História de Portugal de José Mattoso*, Vol. I, ed. Circulo de Leitores, Lisboa.

VALDÉS FERNANDO, *et all* (1998) – La Ceramica Andalusí de la Ciudad de Badajoz.primer período (siglos IX-XII), según los trabajos en el antiguo hospital militar y en el área del aparcamiento de la c/ de Montesinos. *Sítios Islâmicos do Sul Peninsular*, ed. Ajuntamento de Extremadura.



Figura 1 – Georreferenciação dos achados do período islâmico, com necrópoles (a amarelo) e zonas habitacionais (a vermelho).



Figura 2 – Lado 1 da lapide duplamente epigrafada. Corresponderá à reconstrução de Évora, após o ataque de Ordonho II e destruição das suas torres e muralhas por Ibn al-Jilliqi (século X-914/915 d.C.-302 H.) – “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso. [Dou testemunho que] não há outro Deus, senão Deus, Ele só, [que] não tem associado e que Muhammad é o seu servo eleito e o seu profeta, merecedor de toda a Sua complacência – Que Deus nos guie através Dele pelo bom caminho. Esta cidade foi reconstruída [...]”. Fotografia de Joaquim Carrapato – Exposição *Yábura – Uma Cidade do al-Andalus*.



Figura 3 – Cerâmica com ornamentação a “verde e manganês” com motivo antropomórfico encontrada em Évora.



Figura 4 – Pormenor da intervenção arqueológica junto ao templo romano por Theodor Hauschild em 1991. São perceptíveis vários silos do período islâmico escavado diretamente no pavimento do fórum romano.

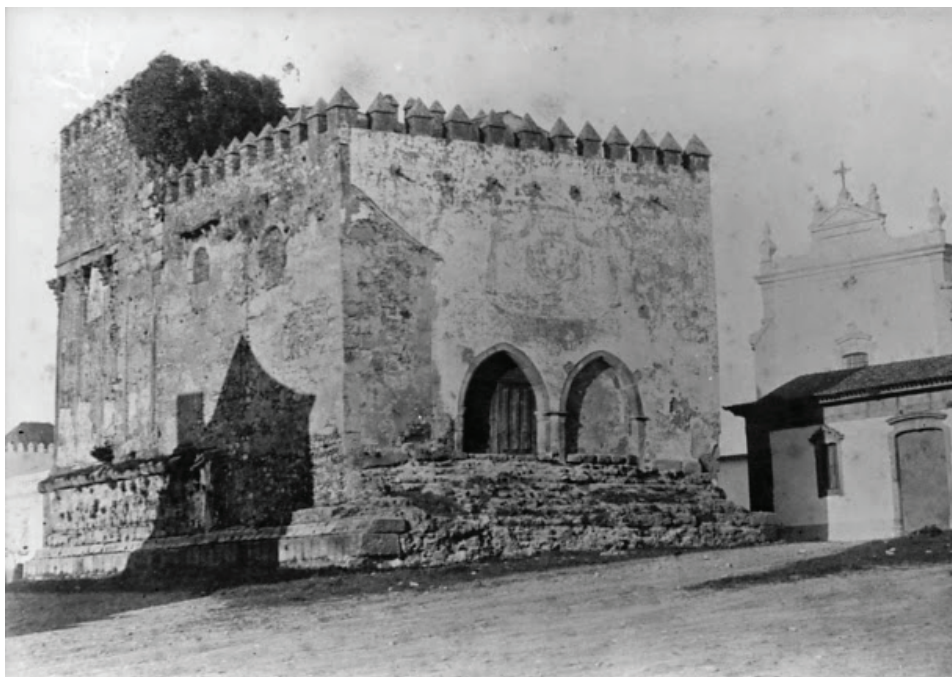


Figura 5 – Fotografia do templo romano com edificações medievais – Arquivo CME.

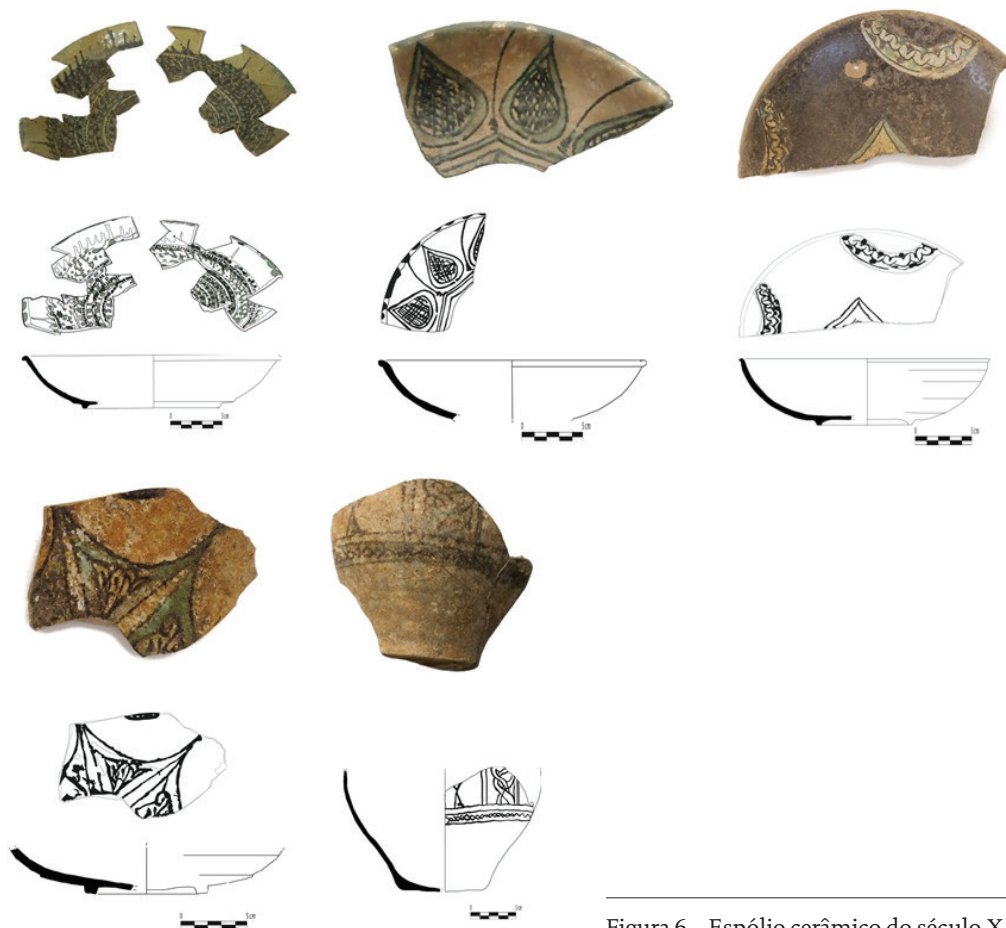


Figura 6 – Espólio cerâmico do século XI.



Figura 7 – Capitel de estilo acolmeado. Fotografia de Joaquim Carrapato – Exposição Yábura – Uma Cidade do al-Andalus.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

U PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

musaji
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

